

"Temos a missão de aprender a compartilhar": síntese do diálogo e partilha de saberes no Tapiri 2 - Tucupi no III SNEA

Edfranklin Moreira da Silva¹, Tatiana Deane de Abreu Sá², Andréia Meinerz³

¹FECAMPO/UFPA/Cametá, e-mail: edfranklin@ufpa.br; ²NEA Puxirum Agroecológico/Embrapa Amazônia Oriental, e-mail: tatiana.sa@embrapa.br; IFRS/Campus Restinga, e-mail: andmein@gmail.com

Introdução

Neste texto, temos por objetivo apresentar uma breve síntese do compartilhamento das experiências e os aprendizados construídos coletivamente no Tapiri 2 – Tucupi, durante o III Seminário Nacional de Educação em Agroecologia (III SNEA) que aconteceu entre os dias 04 e 07 de julho de 2023, em Castanhal, Pará.

O III SNEA buscou refletir como as diversas experiências de educação formal em agroecologia têm contribuído para o fortalecimento de territórios do bem viver. Partiu das experiências concretas do chão das escolas, universidades, institutos federais de educação, ciência e tecnologia e demais instituições de ensino que atuam na promoção da agroecologia. Essas experiências foram partilhadas em Tapiris de Saberes, que consistem em rodas de diálogo para o acolhimento, troca de informações e saberes, a partir das vivências sistematizadas dos(as) participantes.

Os Tapiris de Saberes têm sido adotados desde o Congresso Brasileiro de Agroecologia de 2015, que aconteceu em Belém, Pará. A palavra tapiri, de origem linguística indígena Caribe, significa palhoça – uma construção feita de palhas e serve para abrigar pessoas em trânsito pelos territórios, sendo assim, um lugar de acolhimento, descanso e de troca de informações e saberes (XI CBA, 2019).

Metodologia

Os Tapiris aconteceram em três momentos de intenso diálogo e reflexão. Os dois primeiros com a apresentação das experiências que foram aprovadas pela Comissão de Ciências e Saberes do III SNEA. No centro da roda de diálogo foi construída uma mandala (Figura 1), composta por diversos objetos que compunham de alguma maneira as experiências dos(as) participantes. Assim, nas duas sessões de apresentação das experiências os(as) participantes iam enriquecendo a mandala com os elementos que trouxeram para partilhar. O terceiro momento foi da construção de uma mandala síntese, a partir do uso de tarjetas coloridas, para identificar: os sujeitos das experiências; as instituições envolvidas; os territórios do bem viver; e os aprendizados.



Figura 1. Tapiri 2 - Tucupi, (A) Composição da mandala, (B) Ciranda de encerramento do Tapiri.
Fonte: acervo dos autores (2023).

Partilha das experiências Tapiri 2 - Tucupi

No Tapiri 2 - Tucupi foram apresentadas 7 experiências aprovadas para o seminário, mas a riqueza das experiências não se restringiu a elas, aparecendo ao longo das sessões de apresentações outras experiências. As experiências apresentadas vieram de vários lugares: 2 de Minas Gerais, 1 do Distrito Federal, 3 do Pará e 1 do Rio Grande do Sul. Passaram por esse tapiri mais de 30 pessoas de distintos locais e regiões do Brasil.

Os sujeitos envolvidos das experiências foram estudantes, professores e professoras, educadores e educadoras populares, agricultores e agricultoras rurais e urbanos, juventude, terreiros de matriz africana, não humanos (encantados, fauna, flora, rios, minhocas...).

As instituições envolvidas nas experiências foram também as mais diversas: Universidades Federais; Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs); Escola de Formação para Jovens Agricultores de Comunidades Rurais Amazônicas (ECRAMA) – uma escola do campo que funciona em regime de alternância pedagógica; Núcleos de Estudo em Agroecologia (NEA's); Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST); Emater; IEB; Legislativo Federal; Terreiros de Matriz Africana; Fiocruz; Executivo - prefeitura e suas secretarias.

Os territórios do Bem Viver que foram mencionados nesses compartilhamentos foram: periferias urbanas; ocupações; espaços rurais – escolas do campo; redes de quintais; terreiros de matriz africana; hortas urbanas e lavouras de produção de arroz agroecológico.

Alguns dos principais aprendizados enfatizados pelo grupo foram:

- Limites de se deter apenas a educação formal – integrar experiências de educação formal com a educação popular;
- Importância da articulação com o legislativo no reconhecimento das experiências de educação em agroecologia, visto que alguns deputados ou vereadores são aliados importantes na promoção das ações de agroecologia
- Terreiros de matriz africana como espaço de saúde, cura e alimentação saudável;
- Teias dos povos como guardiões da sociobiodiversidade...

Um dos pontos chave de destaque neste Tapiri foi a experiência trazida pela ECRAMA, a metodologia “Igarapé do Tempo”, inspirada nas linhas do tempo como rios trazidas de outras experiências socializadas nos CBA’s. Adequada à realidade da região do Nordeste Paraense, mergulhou mais fundo nesse território e nas vivências de cada participante, que compartilharam ao longo de seus cursos suas trajetórias individuais de aprendizado. De forma mais legítima, igarapés do tempo, “que em conjunto, fluem para um manancial maior, um rio do tempo do aprendizado da turma, que vai desembocar no rio maior da construção de conhecimento da ECRAMA e parceiros” (Sá et al, 2020).

Além disso, foi enfatizada pelas pessoas participantes a importância do reconhecimento dos terreiros de matriz africana cujo solo fértil contribui para a soberania alimentar de sua comunidade de praticantes. Ainda, as instituições públicas são aliadas na defesa e afirmação desses lugares de cuidado da vida em suas múltiplas expressões, onde humanos e não humanos são legitimamente reverenciados. Outra questão importante de ressaltar neste sentido, foi a própria transformação dos professores ao participarem das atividades nos terreiros, por conta do projeto de extensão em parceria com a deputada apoiadora da causa. Somando forças em saúde, agroecologia e tradição, a experiência trazida de Brasília suscita um exemplo de promoção de um território saudável e sustentável.

Quadro 1: Quadro síntese das experiências apresentadas no Tapiri 2 – Tucupi

Título do Trabalho	Autores	Objetivos	Referencial teórico-metodológico	Sujeitos, territórios e instituições	Desafios, Políticas públicas e complexidade
Construindo Territórios Agroecológicos: aprendizagens, ação coletiva e política pública de agricultura urbana em Belo Horizonte (MG)	Gabriel Mattos Ornelas; Maria Luiza Grossi Araújo; Vitória Eliza Ribeiro	Descrever e refletir sobre o projeto de extensão “Agrobiodiversidade e Aprendizagens Agroecológicas em Periferias Urbanas: Práticas e Praticantes do Programa Territórios Sustentáveis de Belo Horizonte”, que, em 2023, se desdobra na realização da segunda edição do “Curso de Formação de Promotoras e Promotores da Agroecologia e Agricultura Urbana”	Inspirando-se na metodologia “De Camponês a Camponês”, o curso, estruturado em módulos temáticos presenciais	Política pública municipal de agroecologia; Prefeitura de Belo Horizonte; Rede de Intercâmbio de Tecnologias Alternativas; Universidade Federal de Minas Gerais Região Metropolitana de Belo Horizonte	As ações extensionistas têm contribuído concretamente, para o fortalecimento da agricultura urbana de base agroecológica e para o enfrentamento da fome e da insegurança alimentar nos territórios de atuação do PTS
Perto das Mulheres, Perto da Terra: educação agroecológica e acompanhamento de mulheres agricultoras e produtoras urbanas na Região Metropolitana de Belo Horizonte - RMBH	Diana Nascimento Rodrigues; Alexandra Santos de Assis; Daniela Adil Oliveira de Almeida	Apresentar as experiências vivenciadas no projeto: Perto das Mulheres, Perto da Terra	São realizadas visitas técnicas e encontros mensais para realização de oficinas educativas no que tange a produção, comercialização e consumo de alimentos agroecológicos	Política pública municipal de agroecologia; Região Metropolitana de Belo Horizonte Universidade Federal de Minas Gerais agricultoras e produtoras urbanas	Ações auxiliam na melhoria da alimentação dessas mulheres e seus familiares, possibilitando mudanças de hábitos mais saudáveis e a melhoria na qualidade de vida.
GEOTECNOLOGIAS, EDUCAÇÃO E AGROECOLOGIA: levantamento de quintais, terreiros e sítios no município de Abaetetuba/PA	Josielle Reis Silva; Gilse Negrão da Silva; Liliane Lima Negrão; Karine Ferreira da Silva; Aelton Dias Costa	Mapeamento de sistemas agrícolas nos espaços ao redor de casas, reconhecidos como quintais, terreiros e sítios no município de Abaetetuba/PA para o levantamento de dados relevantes para a formação de diálogos entre as geotecnologias a educação e a agroecologia	Estudo é fruto de metodologias e práticas pedagógicas estabelecidas ao longo da disciplina de Geoprocessamento Aplicado a Agroecologia, no âmbito do curso de Tecnólogo em Agroecologia do	Abaetetuba, Território do Baixo Tocantins, Pará Universidade Federal do Pará Agricultores Familiares	Aplicação da geotecnologia vinculada a uma perspectiva de ação pedagógica é fundamental para o reconhecimento de espaços como os quintais, terreiros ou sítios e suas contribuições na geração de territórios do Bem-Viver por meio de uma produção de alimentos saudáveis que respeitam princípios agroecológicos.

			Campus universitário UFPA/Abaetetuba-PA		
Projeto de extensão agroecológica em Quatro Terreiros Religiosos de Matriz Africana no Distrito Federal: a ancestralidade e os conhecimentos tradicionais na construção da soberania, segurança alimentar e nutricional	Paulo Guilherme Francisco Cabral Maria Dalva Trivellato Denise Oliveira e Silva Daniela da Silva Egger Daniel Alves Braz dos Santos	Descrever as experiências de um projeto de extensão realizado em quatro Terreiros no DF, por meio da cooperação entre duas instituições de ensino federais	O Curso de Agroecologia do IFB, em parceria com a Fiocruz-Brasília, desenvolve projeto, com quatro Terreiros de Matriz Africana das Regiões Administrativas de Planaltina e Sobradinho no Distrito Federal, com a utilização de metodologias participativas	Comunidades dos terreiros, egressos e estudantes do Curso de Agroecologia e docentes e pesquisadores do IFB-Planaltina e da Fiocruz-Brasília	Potencialidade da produção de alimentos e de plantas ritualísticas para as práticas de sacralização e cura, bem como de alimentos para o consumo das comunidades de terreiro, como milho crioulo, feijão, abóbora e inhame; como também de desenvolvimento de estratégias pedagógicas na construção de competências e de habilidades de formação
Encontros e diálogos de saberes mediante métodos participativos	Andreia Meinerz; Alberto Bracagioli Neto	Discorrer sobre práticas de mediação de conhecimento com distintos grupos de atores que trabalham agroecologia em diferentes contextos	Métodos participativos proporcionados na prática por meio de uma disciplina ofertada pelo Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural (PGDR) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul	UFRGS IFRS/Campus Restinga EMATER/RS	O planejamento, a implementação e as avaliações dessas oficinas realizadas junto a esses diferentes grupos utilizando de metodologias participativas contribuíram não somente nas tomadas de decisões que orientaram a escolha dos caminhos pelos coletivos, mas também no processo formativo dos estudantes de pós-graduação
Tempo escola e tempo comunidade: nossa experiência na ECRAMA Escola de Formação para Jovens	Antonio Nailton Pereira de Lima Tânia de Souza Leite Jucimar Soares do Carmo	Sistematizar e compartilhar a experiência e procurar testemunhar a importância da educação no campo para os sujeitos do campo, como direito nosso e dever do Estado	Uma prática educativa fundamentada em metodologias participativas, a Pedagogia da	Escola de Formação para Jovens Agricultores de Comunidades Rurais Amazônicas (ECRAMA)	Escolas do campo adotando o enfoque agroecológica e a alternância pedagógica como norteadores do currículo formativo

Agricultores de Comunidades Rurais Amazônicas	Maria de Nazaré Ghirardi Tatiana Deane de Abreu Sá		Alternância, os intercâmbios, a interação com os educadores, a visita as famílias e a comunidade	Cooperativa Mista dos Agricultores entre os Rios Caeté e Gurupi (COOMAR) REDE BRAGANTINA Nordeste Paraense	
Experiência de formação em regime de alternância com foco em agroecologia e cidadania: ECRAMA, Bragança, PA	Maria de Nazaré Reis Ghirardi Vincenzino Ghirardi, Antonio Nailton Pereira Lima, Rosineide Francisca Lima Jorge, Tatiana Deane de Abreu Sá	Socializar a trajetória, a autonomia das iniciativas de transição em desenvolvimento entre as dimensões da Agroecologia	Cinco edições desse curso, respectivamente em 2016, 2017, 2018, 2019 e 2021/2022, realizadas em regime de alternância, com metodologias participativas, em parceria com instituições governamentais e não governamentais, pastorais e movimentos sociais, contribuindo para a co-construção de novos conhecimentos agroecológicos	Escola de Formação para Jovens Agricultores de Comunidades Rurais Amazônicas (ECRAMA) Cooperativa Mista dos Agricultores entre os Rios Caeté e Gurupi (COOMAR) REDE BRAGANTINA Nordeste Paraense	O ressignificado da Pedagogia da Alternância, e a co-construção de conhecimentos agroecológicos, em parcerias governamental e não governamental, são caminhos para avançar em contribuições metodológicas, motivar a ascensão de egressos (as) à graduação universitária, e movimentos sociais do campo.

Fonte: Experiências apresentadas no Tapiri 2 – Tucupi (2023)

Considerações finais

No presente texto-síntese, descrevemos as 7 experiências de educação em agroecologia compartilhadas no Tapiri de Saberes 2 – Tucupi, no III SNEA, vindas de 4 diferentes estados do Brasil (Pará, Minas Gerais, Distrito Federal e Rio Grande do Sul). As pessoas participantes trouxeram elementos que caracterizam suas práticas em seus respectivos territórios, como livros, fotografias, sementes, mudas, bandeiras, dentre outros. A materialidade simbólica presente nesses elementos caracteriza a diversidade tanto de atores e atrizes como de instituições e organizações que perpassam o fazer agroecológico nos respectivos territórios, contribuindo para a construção coletiva do bem viver.

O debate gerado após as apresentações demonstrou que tais vivências coletivas caracterizam processos pedagógicos importantes que marcam as vidas das pessoas engajadas com a agroecologia. Ao atuar em diferentes dimensões, a educação em agroecologia vem consolidando-se como uma área científica e política cujas práticas contribuem para o enfrentamento dos múltiplos desafios contemporâneos como a fome e a crise climática.

Referências

SÁ, T. D. de A. DE et al. Igarapés do tempo: como ferramenta de acompanhamento do aprendizado de agroecologia por jovens agricultores no Nordeste Paraense, Brasil. Cadernos de Agroecologia, v. 15, n. 2, 5 ago. 2020.

XI CBA – Congresso Brasileiro de Agroecologia. Orientações para apresentações de trabalhos – Tapiris de Saberes. Sergipe, 2019.